

ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NA ÁREA DA PEDAGOGIA HOSPITALAR

Renata Roberta Freitas Cruz³⁴
Guadalupe de Moraes Santos Silva³⁵

RESUMO: O presente estudo tem por objetivo compreender a função e o papel do pedagogo no ambiente hospitalar. Além disso, visou entender o processo cotidiano de monitoramento e acompanhamento das crianças hospitalizadas. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, baseada em autores, tais como: Savianni (2012), Fonseca (2003), Fontes (2005), Moraes (2010), Libâneo (2005), Matos (2009), dentre outros. Os pedagogos devem. Assim, o pedagogo hospitalar assume um papel de facilitador do aprendizado dentro do ambiente hospitalar, tornando-o efetivo e de qualidade.

Palavras-chave: Pedagogia Hospitalar. Pedagogo. Função do Pedagogo.

ABSTRACT: This study aims to understand the function and role of the pedagogue in the hospital environment. In addition, it aimed to understand the daily process of monitoring and accompanying hospitalized children. The methodology used was qualitative research, bibliographical, based on authors such as: Savianni (2012), Fonseca (2003), Fontes (2005), Moraes (2010), Libâneo (2005), Matos (2009), among others. Educators must. Thus, the hospital pedagogue assumes a role of facilitator of learning within the hospital environment, making it effective and of quality.

Keywords: Hospital Pedagogy. Pedagogue. Role of the Pedagogue.

1. INTRODUÇÃO

A saúde é o bem mais precioso do ser humano, no entanto, o processo de adoecer infelizmente faz parte da vida. Algumas doenças além de causar a enfermidade do corpo levam a pessoa à hospitalização, sem deixar escolhas. Mas quando isso ocorre com um adulto o trabalho a ser realizado pelo profissional da saúde é menos difícil do que com as crianças, apesar de ninguém está preparado e nem de aceitar a condição que lhe foi imposta, o adulto compreende melhor os motivos adversos que o levam a hospitalização.

Assim, se para adultos a hospitalização provoca ansiedade, stress, impaciência, entre outros fatores que impossibilitam ainda mais a recuperação, para as crianças todos esses sintomas são ainda mais aguçados já que estão numa idade que dificulta a compreensão de um

³⁴ Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade São Luís de França. E-mail: renata.roberta@sousaoluis.com.br.

³⁵ Professora orientadora e regente da disciplina Trabalho e Conclusão de Curso. E-mail: <guadalupe71@sousaoluis.com.br>.

internamento. A situação se agrava, pois, não só interfere no seu desenvolvimento biopsicossocial, mas também afeta processo educacional, ou seja, ensino/aprendizagem, afastando as crianças da escola durante, às vezes, por um longo período de internação.

Além desse afastamento é comum no ambiente hospitalar a criança ser vista apenas pela sua doença ou identificada pela numeração de seu leito. Sua permanência no hospital acaba sendo o fator prioritário, desprezando os sentimentos das crianças. Desse modo, para Ceccim (1997, p. 33) reafirma: “a enfermidade e a hospitalização das crianças passam por seu corpo e emoções, passam por sua cultura e relações, produzem efeitos e inscrevem conhecimentos sobre si, o outro, a saúde, a doença, o cuidado, a proteção à vida”.

É nesse sentido que o Artigo 13, da Resolução CNE/CEB Nº 2, de 11 de setembro de 2000, coloca em evidência o processo escolar da criança em situação de hospitalização, lhes garantindo o direito ao sistema de ensino, mediante ação integrada com os sistemas de saúde e educação, conferindo-lhes o atendimento educacional especializado.

O papel do educador é primordialmente ensinar. Essa frase tão conhecida de Savianni (2012), nos remete a educação e quando mais aprofundada, ela autêntica a missão do educador lhe atribuindo a responsabilidade por difundir conhecimento, este que ao longo dos anos transpassa as paredes da escola e ganha novos ambientes como hospitais e empresas. Pensar nessa frase, deve ser o alicerce de todo o educador, pois com isso, ele se conscientiza, que ensinar vai além do senso comum de transmitir conhecimento e adentra na perspectiva de formação do ser humano em todos os seus aspectos de desenvolvimento.

Compreender as dimensões desse processo é parte da atribuição do pedagogo em formação. Além das habilitações do pedagogo, essa dimensão também diz respeito aos ambientes de aprendizagem, outrora restritos ao ambiente escolar, mas que atualmente se propaga em muitos outros. Entretanto, a atuação do pedagogo na escola como professor, gestor, coordenador, na educação inclusiva, na sala de recursos, no AEE é notória em todos os segmentos na sociedade, porém a pedagogia empresarial e a hospitalar, são, por enquanto, de menores destaques por ela. Afirmar que este fato se dá exclusivamente pela escassa demanda de emprego, pode ser um equívoco, contudo, este é sem dúvida um fator contribuinte. Sendo assim, pedagogia hospitalar tem se consolidado um campo de atuação fundamental para a continuidade da aprendizagem da criança. Assim, é de suma importância a compreensão de que todas as crianças, independentemente de qualquer situação de enfermidade, têm direitos a um tratamento mais humanizado, inclusive não se afastando do processo educacional. O que levou-

me questionar: Qual importância do pedagogo no processo de escolarização de crianças hospitalizadas?

A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, baseada em autores, tais como: Savianni (2012), Fonseca (2003), Fontes (2005), Moraes (2010), Souza (2013), Matos (2009), dentre outros.

Neste sentido, o presente estudo tem como principal objetivo compreender o papel do pedagogo no ambiente hospitalar. Objetiva também, compreender a importância e as contribuições da atuação do pedagogo para crianças internadas.

2. A IMPORTÂNCIA DO PEDAGOGO NO AMBIENTE HOSPITALAR

A criança quando hospitalizada vive em outro mundo. A hospitalização mesmo que temporária deixa marcas profundas. E uma dessas marcas é representada pelo sentimento da saudade. Saudades de casa, familiares, escola, amigos, brincadeiras, pessoas que dão carinho, cheiro. No hospital ela sente dor, desconforto, chora se irrita, não estuda, passam a conviver mesmo que temporariamente com pessoas que andam rápido no corredor sem lhe dar um sorriso. A dor neste momento tão difícil da internação é inevitável, o sofrimento pode ser sim opcional e por que não dizer amenizado (CECCIM, 1998).

Sendo assim, os profissionais buscam também na pedagogia hospitalar propor novos trabalhos como atividades artísticas, literárias e pedagógicas ao enfermo, “criando um universo oportuno para a produção do conhecimento de forma particular atendendo as necessidades de cada criança em que se faz necessário um trabalho diversificado” (MATOS, 2009, p. 176).

Entende-se que quando se realiza a integração escolar do indivíduo doente, prestando ajuda assim, não somente na escolaridade e na doença, mas em todos os aspectos decorrentes do afastamento necessário do seu cotidiano e do processo, por vezes, traumático da internação, são formas de manter os alunos envolvidos no processo de ensino/aprendizagem que passa a ocorrer além dos muros da escola convencional.

Estar hospitalizado torna-se então uma necessidade pois como já dito, ocorre uma quebra de rotina na vida da criança, exigindo mudanças e adaptações. Mantoan (2003, p. 73), diz que “todos nós temos uma necessidade especial”, sejam elas em pequenas ou grandes escalas e a troca de relação e conhecimento traz ao indivíduo a garantia de aprendizagem e autoestima, tecendo objetivos de uma pedagogia que transmita o conhecimento de forma prática, formando pessoas para a sociedade de maneira mais dinâmica.

No decorrer dos anos a educação se transformou e isso se deu pelas mudanças que ocorreram na sociedade que fizeram emergir a busca por caminhos que contemplassem essas transformações. Uma dessas demandas foi o tempo de permanência de crianças dentro do hospital, o que fez surgir a necessidade de um profissional que administrasse esse tempo, coordenando-o pedagogicamente para que essa criança não tivesse prejuízos à sua educação (SOUZA, 2013).

Com essa nova modalidade de educação, os campos de atuação do pedagogo expandiram-se, pois, este conceito atrelado ao do BRASIL, LDB lei n° 93.94 de 24 de setembro de 1996 art. 4-A de 24 de setembro de 2018 “É assegurado atendimento educacional, durante o período de internação do aluno da Educação Básica [...]”.

Como visto anteriormente, a educação nos espaços hospitalares tem previsão legal e contribui para uma formação mais abrangente, entrando assim nesse contexto a denominada pedagogia hospitalar, esta que ao longo dos anos vem adentrando nos hospitais como uma alternativa ao processo de internação.

Entende-se por pedagogia hospitalar a definição utilizada por Mugiatti (2000, p. 79) “é um ramo da pedagogia que visa atender ao aluno hospitalizado[...]”. É possível por meio destes, perceber essa nova demanda de atendimento ao aluno, cujo estado de saúde não permite a sua estadia na escola e precisa ter seu direito a educação respeitado”.

A exemplo disso, podemos citar quando uma criança está privada da sua saúde ela é obrigada a ficar internada em um hospital por vários meses. Tendo como exemplo as crianças com doenças oncológicas, que ficam debilitadas física e mentalmente, podendo ter uma defasagem na aprendizagem. Para que isso seja minimizado o pedagogo precisa buscar práticas educativas que estimulem os alunos/pacientes tanto formalmente como psicológica, e cognitivamente.

De acordo com Cecim (1997), quando elucida que talvez o hospital não seja um lugar para o qual as crianças deveriam ir para curar-se. É evidente que se presencia o sofrimento das crianças em um ambiente sombrio, mas por isso mesmo é que a pedagogia hospitalar surge para modificar essa realidade. E é tratando deste assunto de pedagogia hospitalar que Fonseca (2003) define,

A pedagogia hospitalar em sua prática pedagógico-educacional diária visa dar continuidade aos estudos das crianças em convalescença, com o objetivo de sanar dificuldades de aprendizagem e/ou oportunizar a aquisição de novos conteúdos. Atuando também como um acompanhamento do aluno fora do ambiente escolar, está se propõe a desenvolver suas necessidades psíquicas e cognitivas utilizando programas lúdicos voltados à infância, entretanto sua

ênfase recai em programas sócio-interativos, vinculando-se aos sistemas educacionais como modalidade de ensino – Educação Especial – ou ao sistema de Saúde como modalidade de atenção integral – Atendimento Pedagógico Educacional Hospitalar (FONSECA, 2003, p. 22).

Percebe-se, então, que o curso de Pedagogia abrange diferentes espaços educacionais, os quais podem ou não ser formais, ou seja, hoje um pedagogo pode atuar em diferentes campos, como na área empresarial, educacional, prisional e até mesmo hospitalar. Enfim, entende-se que tanto a educação não formal como a formal são intencionais, pois possuem objetivos a serem alcançados. Desse modo a educação não pode ser elemento exclusivo da escola, assim como a doença não pode ser elemento exclusivo do hospital (FONTES, 2005).

O papel do pedagogo no ambiente hospitalar contribui para o processo de socialização da criança que se encontra hospitalizada através de ações educativas, nesse contexto, a criança hospitalizada necessita de olhares humanos para amenizar sua situação, evidenciando uma visão humanística que venha a ser o centro da prática pedagógica, configurando-se numa prática cujos olhos estejam voltados para o ser globalmente (LIBÂNEO (2005). Entende-se, assim, que a atuação do pedagogo não está restrita exclusivamente à escola. Por consequência, hoje o pedagogo possui outras possibilidades de espaços educacionais em que haja o processo de ensino e aprendizagem.

Entende-se assim, que a finalidade do educador passou por aprimoramentos, e atualmente, é considerado como um profissional que possui múltiplas atribuições, haja vista que por meio dele advém a transmissão do conhecimento e a condução de práticas educativas, que podem ocorrer em diferentes cenários, ou seja, expõe as novas áreas em que o pedagogo pode atuar, abrindo-se a trilhar outros espaços para exercer a profissão.

É importante salientar antes de iniciar a prática pedagógica, se faz necessário conhecer a patologia que acomete o estado clínico da criança, em posse desse conhecimento o educador tem a possibilidade de se organizar e planejar sua prática de forma a evitar infecções e que se adapte ao estado físico e emocional da criança.

Na pesquisa de Moraes (2010) ela menciona que a dor pode até ser inevitável, mas o sofrimento pode vir a ser opcional. As práticas educacionais têm como principal meta levar o ser humano a uma nova atitude diante da sociedade criando desenvolvimento e mantendo um corporativismo, chamando para as necessidades uns dos outros, é nesse contexto que se expressa à ideia de que a Pedagogia Hospitalar trabalha com o lado afetivo das pessoas, sendo esse lado caracterizado como a energética das condutas, ou seja, aquilo que os seres humanos impulsionam para ação.

Acredita-se que vivenciar a rotina do hospital e acompanhar as propostas pedagógicas, torna-se uma prática comum para um pedagogo no ambiente hospitalar, sendo este, um valioso trabalho realizado junto as crianças hospitalizadas, constituindo-se como uma intervenção pedagógica necessária que contribui quanto a recuperação do doente, age no processo de humanização e contempla a criança como um ser integral.

Sobre a pedagogia a autora Matos (2009, p. 177) diz que é fundamental importância que o “profissional de pedagogia tenha uma relação humanitária com a criança”, levando em consideração seus aspectos afetivos e sociais; antecedendo assim a sua intervenção, onde a criança é um ser repleto de capacidade, com alegrias, sonhos e esperança.

Portanto, entende-se que o pedagogo não deve olhar a patologia da criança, como se o corpo estivesse impedido de colocar em prática sua potencialidade e negando o direito de ser simplesmente criança. Segundo Silva, (2012 p. 5) o trabalho do pedagogo hospitalar também intervém como uma terapia para o aluno,

O trabalho do pedagogo hospitalar também tem como proposta a intervenção terapêutica procurando resgatar seu espaço sadio, provocando a criatividade, as manifestações de alegria, os laços sociais e a diminuição de barreiras e preconceitos da doença e da hospitalização, a metodologia deve ser variada mudando a rotina da criança no qual permanece no hospital (SILVA, 2012, p. 5).

Normalmente entende-se, que as crianças são pessoas mais fragilizadas no momento de internação, já que elas, na maioria das vezes, associam a internação a uma forma de castigo por algo que poderiam ter feito e de que seus pais não teriam gostado. Sendo assim, cabe aos profissionais da saúde, de modo especial ao pedagogo, auxiliar e ver esta criança como um ser singular, cujos sentimentos devem ser respeitados, a fim de que ela, nesse momento de sua vida, possa se sentir mais segura e acolhida por todos que a rodeiam. Portanto, a educação deve estar aliada à saúde, uma vez que as duas buscam soluções a fim de fortalecer a criança para reagir melhor ao seu tratamento. Ceccim (1997, p. 26), traz sua contribuição ao afirmar que, “a escuta pedagógica, agrega na criança uma nova forma de pensar em relação a sua saúde e a experiência com a hospitalização, ajudando no seu desenvolvimento e leva a criança a buscar o desejo de viver”.

A referida estratégia pedagógica, apresenta-se como caminho a ser percorrido, pois como foi constatado é a escuta pedagógica que marca o diálogo da criança, mas essa estratégia nos mostra que a interação entre criança e o educador possui relevância para o tratamento, no sentido de trocar ideias que podem ajudar nos cuidados com as crianças a partir do momento em que ela compreende o porquê de estar hospitalizada.

Nesse sentido, cabe ao pedagogo a tarefa transformadora em auxiliar o aluno/paciente a passar por este momento angustiante e dê plenas condições a eles de forma gradual para conseguir seu reestabelecimento na sua totalidade. Assim, para Matos e Mugiatti, refere-se a pedagogia hospitalar e a função do pedagogo, advogando que,

A atuação do pedagogo, sob tal enfoque e ocupando o seu devido lugar e nítido espaço – este ainda a ser conquistado no seu todo -, é, sem dúvida, uma reforçada contribuição ao trabalho multi/interdisciplinar no contexto hospitalar, tanto no que diz respeito às equipes técnicas, em que ele, pedagogo, tem condições de desenvolver um trabalho de sentido sincronizador didático, pedagógico educativo como, também, em relação aos usuários, na execução de atividades programadas (MATOS; MUGIATTI, 2009, p. 16).

No que concerne à pedagogia hospitalar pode ser entendida como o conjunto de ações pedagógicas que beneficiam o aprendizado do aluno/paciente, ou seja, uma modalidade está inserida na outra.

Para Fontes (2004), prática pedagógica é uma atividade direcionada para a criança que esteja em certo grau de apatia pela doença e internação pode favorecer no auxílio de seu tratamento, sendo assim, a importância da escuta pedagógica. Segundo Silva,

O trabalho do pedagogo hospitalar também tem como proposta a intervenção terapêutica procurando resgatar seu espaço sadio, provocando a criatividade, as manifestações de alegria, os laços sociais e a diminuição de barreiras e preconceitos da doença e da hospitalização, a metodologia deve ser variada mudando a rotina da criança no qual permanece no hospital (SILVA, 2012, p. 5).

Conforme a intervenção pedagógica encontra respaldo nas ações educativas com as crianças hospitalizadas, promovendo o desenvolvimento físico e mental da criança, pois age, assim a educação nos espaços hospitalares deve ser pautada na humanização, contemplando as necessidades educacionais, psicológicas e sociais. Pois, de acordo com Rocha (2012, p. 17),

Trabalhar junto a crianças e adolescentes hospitalizados é um desafio que implica em descobrir estratégias diferenciadas e adaptáveis à realidade e necessidade de cada um, por exemplo, como abordar e provocar neles interesse em aprender, diante de uma doença grave.

O importante não é o que o educador ganha com a conversa é a criança que recebe uma escuta, um olhar, um tratamento atencioso, em que o educador deve falar a mesma linguagem. Ao pedagogo hospitalar desempenhar a função de estimular o aprendizado do aluno em um ambiente que nada se parece a uma sala de aula. De modo, que se faz necessário que esse profissional esteja disposto a apoiar e orientar tanto o paciente quanto a seus

familiares, desse modo, ambos irão se sentir mais seguros e, assim, será mais fácil compreender os momentos difíceis pelo qual estão passando.

Diante disso, entende-se que para ser um bom professor, não basta apenas ter a formação exigida por lei, é necessário estar em constante formação. É importante salientar antes de iniciar a prática pedagógica, se faz necessário conhecer a patologia que acomete o estado clínico da criança, em posse desse conhecimento o educador tem a possibilidade de se organizar e planejar sua prática de forma a evitar infecções e que se adapte ao estado físico e emocional da criança. No que concerne ao processo educacional nos espaços hospitalares, Pereira (2014, p. 6) esclarece que,

O ambiente hospitalar onde é feito o atendimento as crianças e adolescentes deve ser diferenciado, acolhedor, com brinquedos e jogos, com estimulações visuais, um ambiente alegre e aconchegante. Assim, através de brincadeiras, as crianças e os adolescentes internados encontraram uma maneira mais positiva e criativa para viver a situação de doença, diminuindo o comprometimento mental, emocional e físico dos enfermos. No entanto, é imprescindível que haja um planejamento juntamente com a escola de origem dessas crianças para que seja dada a continuidade do trabalho escolar e as crianças possam ser reintegradas à escola assim que obtenham alta do hospital.

Sendo assim, vivenciar a rotina do hospital e acompanhar as propostas pedagógicas, tornam-se práticas cada vez mais comum para um pedagogo, sendo este, um valioso trabalho realizado junto as crianças hospitalizadas, constituindo-se como uma intervenção pedagógica necessária que contribui quanto a recuperação do doente, age no processo de humanização e contempla a criança como um ser integral, pois o momento dela está sendo respeitado, ela é ouvida e os momentos de ludicidade pedagógica podem incluir e assegurar que seus direitos garantidos por lei sejam contemplados.

Verifica-se que para muitos indivíduos o hospital é um espaço onde os doentes enfrentam uma luta diária pelo reestabelecimento da saúde, porém, nota-se que para chegar a esse reestabelecimento é preciso passar por muitas outras barreiras, pois notou-se que o hospital e a hospitalização impõem limites quanto às socializações e também restrições, causando o afastamento da escola, da casa, da rua, dos familiares, enfim do seu ambiente próprio de vida que é cheio de alegria, conforto, com pessoas conhecidas e queridas, sem falar nas regras impostas sobre o corpo, tempo e espaço.

Essas implicações, causadas pelos impactos da hospitalização fazem transbordar uma ruptura com os padrões normais e naturais na vida da criança, deixando profundas marcas em

seu ser, gerando um vazio. Vazio este que pode ser preenchido com apenas uma atitude, um “olhar” para a criança hospitalizada.

Na pesquisa observou-se que a criança no hospital sofre pela doença e pela hospitalização, onde a doença lhe retira o sorriso, lhe causa dor, seu corpo não responde como gostaria, há dentro dele um pequeno microrganismo que faz grandes estragos em seu ser, entretanto, a criança enquanto criança possui uma fortaleza que a faz crescer nesse momento tão difícil, na hospitalização ela passa por restrições a todo o momento.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hospitalização é uma experiência desagradável, que a criança não guarda para si, ela “extravasa”, ela observa tudo ao seu redor, questiona sobre os estranhamentos, nota o que é curioso e tem curiosidades, dialoga com os pais profissionais tirando suas dúvidas. É uma experiência que ela revela ao brincar, desenhar, assim, representa o que vê e o que sente, expressando seus medos e angústias, sendo, portanto, os professores responsáveis por ministrarem aulas nas classes hospitalares, podem fazer uso desses espaços para trabalhar em conjunto, no desenvolvimento de atividades que tornem possível criar situações nas quais os educandos hospitalizados possam desenvolver o processo de ensino/aprendizagem.

Este trabalho objetivou compreender a importância do papel do pedagogo no ambiente hospitalar, além de debater a importância e as contribuições da atuação do pedagogo para crianças internadas. Sendo assim, conclui-se que os pedagogos devem superar o ensino tradicional e instrucional, além de integrar, por meio de estratégias pedagógicas, constituindo-se por meio de diversas possibilidades, apresentar as crianças/adolescentes outras maneiras de dar continuidade à vida escolar durante o período de hospitalização, assim sendo, percebe-se a função social do trabalho que desenvolve o pedagogo ambiente hospitalar e sua contribuição de forma humanizada para essa demanda, uma vez que, desenvolve um trabalho diferenciado e adequado em ambientes não formais da educação, como o hospitalar. Assim, o pedagogo hospitalar assume um papel de facilitador do aprendizado dentro do ambiente hospitalar, tornando-o efetivo e de qualidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações.** / Secretaria de Educação Especial. – Brasília: MEC; SEESP, 2002.

_____. Ministério da Educação **Resolução CNE/CEB N° 2, de 11 de setembro de 2001.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em: 18 de nov. de 2022.

CECCIM, Ricardo Burg. **Classe hospitalar:** encontros da educação e da saúde em ambiente hospitalar. Revista Pedagógica Pátio, n° 10, p.41-44, ago/out.1999.

_____. Classe hospitalar: buscando padrões referenciais e atendimento pedagógico educacional à criança e ao adolescente hospitalizado. **Revista Integração: diversidade na educação.** Brasília. Ano 9-n° 21, p. 31-40, 1999.

FONSECA, Eneida Simões da. **Atendimento no Ambiente Hospitalar.** 1ª ed. São Paulo: Memnom, 2003.

FONTES, Rejane de Souza. **As possibilidades da atividade pedagógica como tratamento sócio afetivo da criança hospitalizada.** Publicado na Revista Portuguesa de Educação, n° 19 (1) Universidade do Minho/Portugal, 2004. Disponível em: http://www.eduinclusivapesq-rj.pro.br/livros-rtigos/pdf/atividade_hospital.pdf. Acesso em: 19 de novembro de 2022.

_____. **A escuta pedagógica à criança hospitalizada:** discutindo o papel da educação no hospital. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense – Educação. 2005.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e a Pedagogos, para quê?** 8ª ed. São Paulo, CórteX. 2004.

MANTOAN, Maria Teresa Egler. **Inclusão Escolar:** o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar:** a humanização integrando educação e saúde. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira. **Pedagogia Hospitalar:** a humanização integrando educação e saúde. 4 ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MATOS, E.L.M. MUGIATT, M.T.F. (2006). **Pedagogia hospitalar - A humanização inteirando educação e saúde.** BUCHBINDNER, **Mapoteca do desmascaramento: os caminhos da cura.** São Paulo: Mestre Jou. 2009.

PEREIRA, Luciana Ferreira. **Pedagogia Hospitalar:** A Leitura Nutrindo a Alma. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/pedagogia-hospitalar-leitura-nutrindoalma.htm>. Acesso em: 21 nov. 2022.

ROCHA, Simone M.; PASSEGGI, M. C. F. B. S. Classe hospitalar: um espaço de vivências educativas para crianças e adolescentes em tratamento de saúde. **Revista @mbienteeducação,** São Paulo, v. 3, n. 1, p. 113-121, jan./jun., 2010.

SAVIANI, D. **A Pedagogia histórico-crítica:** primeiras aproximações. 11 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.